

J.F. RAVIN – UM NATURALISTA NO BRASIL

O autor da *Exposição da conduta e da utilidade de um naturalista peregrino no Brasil (Doc. nº 1)* discorre sobre as qualidades que deveriam reunir os naturalistas que se propusessem a vir à colônia portuguesa, as despesas a que estariam sujeitos em suas viagens de estudo, as precauções a tomar e a melhor maneira de agir a fim de que pudessem colher os melhores frutos em suas investigações. Antes, porém, procurou demonstrar quão ricas eram estas terras para o naturalista em geral, fosse ele médico, geógrafo, anatomista, químico ou físico. Não menos importante, anotava, era a presença desses naturalistas em terras brasileiras, pois ignorava-se ainda a potencialidade produtiva delas.

Afora seu interesse intrínseco, a nosso ver, este escrito encerra também o de ter sido elaborado nos anos setenta do século XVIII, o que vale dizer, época em que vigorava um dispositivo legal do início do século anterior (Alvará de 18/3/1605) que proibia a entrada e a permanência de estrangeiros no Brasil, a não ser com autorização do rei.

Infelizmente possuímos poucos dados a respeito de seu autor, Jean François Ravin ou João Francisco Ravin, como consta de alguns documentos. Além de serem escassos, os informes nem sempre são concordes, o que dificulta sobretudo a tarefa de quem, como nós, não dispõe de elementos seguros para aceitar ou refutar certas afirmações – a não ser as declarações do próprio J.F. Ravin (*Doc. nº 2*) e pareceres de membros da Congregação da Faculdade de Medicina de Coimbra (*Doc. nº 3*). Daí porque talvez não consigamos, também, sair do terreno das suposições.

Sabe-se que J.F. Ravin nasceu em Paris e foi batizado, em 1734, na paróquia de *Saint Germain Lauris*. Após viajar pela África e alguns pontos da América, veio ter ao Brasil com a idade de vinte e cinco anos. Logo, sua chegada a

terras brasileiras deve ter ocorrido por volta de 1759. Aqui casou-se e teve quatro filhos, os quais permaneceram no Rio de Janeiro quando, após enviuar-se, retornou a Portugal, onde se encontrava em 1774. Por estes dados calcula-se que permaneceu no Brasil pelo espaço máximo de quinze anos, a não ser que tenha retornado posteriormente. Sobre isso não temos o menor indício.

De sua permanência em terras portuguesas, Bernardo Antônio Serra de Mirabeau — Lente Catedrático da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra — em trabalho publicado em 1872 nos dá informes. Isto porque foi encarregado de escrever a história da referida Faculdade, quando das comemorações do centenário da reforma daquela Universidade em 1772, portanto em pleno governo de Pombal.

Pois bem, ao narrar as modificações então implantadas, informa aquele Professor que ficou estabelecido que à Congregação caberia não só a regência das cadeiras e a administração dos hospitais a seu cargo como exarar pareceres sobre livros médicos que se pretendessem publicar e sobre remédios de composição desconhecida que se tivesse intenção de comercializar.

Das consultas endereçadas àquele Órgão sobre a eficácia de remédios, chamou a atenção, diz Mirabeau, a de um francês do Rio de Janeiro que dizia ter conseguido bons resultados no tratamento da elefantíase. Isto porque foi encaminhada a sua consulta pelo próprio Marquês de Pombal.

Na verdade, Pombal em carta dirigida ao Reformador Reitor daquela Universidade, então Bispo D. Francisco de Lemos Faria, solicitou a apreciação pela Congregação da Faculdade de Medicina, do que conseguira J.F. Ravin reunir sobre “a origem, os progressos e curativo” do mal de São Lázaro, então freqüente na cidade do Rio de Janeiro. Essa averiguação deveria ser procedida com “circunspecção, e sem espírito de parcialidade”.

O Marquês informava, nessa missiva, que em sua estada no Rio de Janeiro Ravin passara “examinando e curando o mesmo mal”. Daí o interesse de Pombal que se examinasse o mérito do trabalho, para que Ravin pudesse voltar ao Brasil “a fazer as methodicas curas /.../ e fique depois tendo uma correspondencia aberta com a Faculdade /.../”.

Segundo determinações expressas daquele Ministro do Reino, a Congregação deveria se reunir para que o interessado lesse o seu opúsculo. Uma vez do conhecimento de todos, o primeiro Lente levaria o trabalho para casa a fim de o examinar e dar seu voto por escrito. Este deveria permanecer em sigilo. Procedimento idêntico deveriam ter os demais membros daquele Colegiado, após o que reunir-se-fam novamente para dar conhecimento dos pareceres e discutir as dúvidas em conjunto, já que o objetivo era estabelecer um “solido, verdadeiro, e útil metodo curativo”.

Dois meses após esta carta de 23 de abril de 1774, Ravin chegou a Coimbra. Atendendo ao que fora determinado, a Congregação se reuniu em sessão extraordinária a 25 de junho. Mirabeau, a quem recorremos até aqui, não conseguiu elementos para saber o que ocorreu depois. Foram infrutíferas, afirma, suas bus-

cas de detalhes sobre o interrogatório. O único foi exarado nos seguintes termos: “apresentou um papel que tinha feito sobre a materia para a Faculdade examinar. Mandou-se correr”.

O fato daquele Catedrático não ter encontrado nenhum indício sobre a opinião dos lentes, nem qualquer apontamento nas atas ou informes na correspondência do Marquês, levou-o a concluir que: “se não achou fundamento para se travar correspondencia científica entre a Faculdade e o frances, e muito menos para se lhe autorisar o exercicio de uma arte sublime, que sempre degenera em flagelo nas mãos de curiosos” (Mirabeau, Bernardo Antonio Serra de – *Memória histórica e commemorativa da Faculdade de Medicina nos cem anos decorridos desde a reforma da Universidade em 1772 até o presente*. Coimbra, Imp. da Universidade, 1872, p. 64, 71, 73-76).

Não podemos afirmar, contudo parece-nos quase certo que Lopes Rodrigues baseou-se em Mirabeau para fazer a citação de Ravin em sua obra *Anchieta e a Medicina* (Rodrigues, Lopes – *Anchieta e a Medicina*. 2ª ed. Belo Horizonte, Ed. Apolo, s.d., p. 126 (Biblioteca Mineira de Cultura). Se a fonte do autor foi apenas a obra de Mirabeau, acrescentou Lopes Rodrigues uma observação que não encontramos naquele Professor, a saber: “do inquerito a que respondeu o dito Ravin, nada consta de satisfatório”. Ora, o que diz Mirabeau é que: “Não se contem mais explicitos apontamentos no rascunho donde tirei estas noticias; das respostas verbais do frances não ficou escrita uma só palavra /.../” (Mirabeau, Bernardo Antônio Serra – *op. cit.*, p. 75). Realmente há uma diferença muito grande entre “nada consta de satisfatório” e “das respostas verbais do frances não ficou escrita uma só palavra”...

Pois bem, Lycurgo de Castro Santos Filho – autor da *História da Medicina Brasileira* – cita Lopes Rodrigues como fonte, daí afirmar que o processo não teve seguimento (Santos Filho, Lycurgo de Castro – *História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo, HUCITEC/EDUSP, 1977, v. 1, p. 356). O que colocamos em dúvida é o fato do autor citar Ravin entre os charlatães classificando-o, inclusive, como “o mais ousado deles”.

Por charlatão, entende-se o indivíduo explorador da boa fé pública, o apregoador de remédios que são verdadeiras panacéias (Nascentes, Antenor – *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Departamento de Imprensa Nacional, 1961).

Foi nesse sentido que Lycurgo de Castro Santos Filho empregou o termo: “Os descobridores e os propagadores de remédios miríficos, de fórmulas secretas, embaçam o povo e auferiram bons proventos materiais. Indivíduos espertos, inescrupulosos, inventaram processos de tratamento de enfermidades então incuráveis” (Santos Filho, Lycurgo de Castro – *op. cit.*, p. 356).

O próprio Ravin reconhecia: “... je suis severe sur cet article et n'avance rien en charlatant bien que je pourais bien l'être s'il ne valoit que de l'activité pour y parvernir. Ce vice se glisse quelques fois aussi parmi les docteurs et les honestes gens” (*Doc. nº 2*).

Pode ser até que ele tenha sido realmente um charlatão, mas não se tem elementos suficientes ainda para afirmar ou refutar completamente tal afirmação e muito menos para atribuir ao seu charlatanismo qualquer caráter de exploração dos clientes. Houve, isso sim, uma experiência.

Na verdade o que ocorreu foi uma certa demora na definição da situação de Ravin cujo desejo era retornar ao Brasil e continuar seus estudos. Numa espécie de desabafo dizia ele: "Dure nécessité Monseigneur qui m'annonce qu'après tant de penes, tant de confiance, et deux années d'aprehension je ne suis pas encore près d'arriver au terme de mon esperance" (*Doc. nº 2*).

É bem verdade que nós também não tivemos a ventura de encontrar documentação que nos permitisse acompanhar os passos de Ravin. Todavia, na Coleção Lamego encontramos alguns dados que nos parecem ainda não explorados suficientemente. Tal documentação foi apenas referida no trabalho já citado sobre a *História Geral da Medicina Brasileira* (Santos Filho, Lycurgo de Castro — *op. cit.*, p. 356, nota 4).

Segundo palavras de Ravin, ele estudou por gosto, sem imposições e sem regras. Com isto acumulou uma série de princípios fundamentais de ciências diferentes. Desta maneira, explicava: "je suis parvenu a savoir assez de Medecine e d'Anatomie /.../" (*Doc. nº 2*).

Tão certo estava de sua competência que confessava-se disposto a se submeter a uma prova extra, isto é, que quatro médicos assistissem ao exame que faria em um cliente quando, então, poderiam verificar se ele reunia ou não as qualidades e conhecimentos necessários (*Doc. nº 2*).

Além disso, atestados passados por membros da Congregação da Faculdade de Medicina de Coimbra são indícios, estes sim, irrefutáveis a nosso ver, de seus conhecimentos quando afirmam:

"/.../ sobre a sua profissão de Medicina /.../ o sobredito Professor tirou a rezulta de fazer conhecer o seu raro talento, e habilidade /.../".

Ou: "/.../ falamos sobre varias materias scientificas, pertencentes á Arte Medica, e Cirurgica; e /.../ me capacitei de que nellas tinha muito boa instrução /.../".

Ou: "Destes manuscritos, e das praticas que temos tido em Coimbra, e em Lisboa com o dito Joam Francisco Ravin, conhecemos, e attestamos, que possui todas as qualidades, e noções, que caracterizam os Medicos sabios, e os Cirurgios peritos /.../" (*Doc. nº 3*).

Atestados estes passados por membros de um Colegiado encarregado de exercer vigilância para impedir às pessoas "idiotas" o exercício da Medicina e de censurarem as obras sobre ela que se pretendesse publicar (Mirabeau, Bernardo Antônio Serra de — *op. cit.*, p. 60-61).

Foram professores como dr. Francisco Miguel de Vasconcelos Almadanim, Antônio José Pereira, Manoel Antônio Sobral, Antônio Francisco Aguiar, Miguel Franzini, João Antônio Dalla-Bella e Domingos Vandelli que assinaram esses atestados (*Doc. nº 3*). Pessoas, enfim, que afora a capacidade profissional, tiveram a oportunidade de ler e ouvir à J.F. Ravin.

De autoria de Domingos Vandelli, localizamos uma Memória sobre a Lepra (Souza-Araujo, Heráclides Cesar de – *História da Lepra no Brasil*. Períodos colonial e monárquico (1500-1889). Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1945, v. 1, pp. 242-244) na qual declarava ter lido com atenção as observações de João Francisco Ravin a respeito da elefantíase e lepra no Brasil, bem como da medicação empregada em seu tratamento.

Aquele médico advogava a necessidade de serem repetidas as observações junto aos doentes para que se chegasse o mais rapidamente possível à cura com a descoberta da medicação específica para o mal. Três colegas da Faculdade vinham procedendo a estudos na região de Coimbra, sobretudo o dr. Antônio José Pereira. Todavia reconhecia ser necessário um número bem maior de experiências, inclusive, em diferentes países.

Daí afirmar que os “Medicos das Conquistas deverião comunicar a Faculdade tudo aquillo, que tivessem observado: e assim o Medico Paiva do Rio de Janeiro poderia comunicar muitas, pois por si mesmo se tem aplicado com muita assiduidade a cura dessa Doença; o Dr. Thomas Heberden medico Ingles da Ilha da Madeira podia fazer o mesmo, pois ja em duas cartas datadas do ano de 1767 comunicou a Sociedade de Londres as suas observações a esse respeito”.

Sugeriu Vandelli que fosse mesmo criado um prêmio a quem descobrisse a cura para o mal e que fossem experimentados os remédios que a Faculdade julgasse oportunos pelo “sobredito Ravin no Brazil, e em este Ospital de S. Lazaro os tres medicos praticos desta Faculdade Medica, que são os Dotores Antonio José Pereira, Antonio Joze Francisco e Manuel Antonio Sobral”.

Estava portanto autorizado Ravin a experimentar, como tantos outros diplomados, sem que por isso lhe coubesse a pecha de charlatão.

Sem prova em contrário, nos parece, a opinião deles deverá daqui para a frente ser levada em conta por todos aqueles que se interessarem em conhecer melhor a pessoa de J.F. Ravin. Não existindo, de nosso conhecimento, manifestação explícita negativa da Congregação de Coimbra sobre seu trabalho, não nos parece lícito concluir daí pura e simplesmente pela não aprovação dele.

Em razão de todos estes pontos de vista diferentes é que, além do trabalho propriamente dito de J.F. Ravin, publicamos a seguir a carta de sua autoria e o traslado dos atestados a que fizemos referência. São todos manuscritos da Coleção Lamego (Cod. 16.27, 16.28 e 16.29). *ARLINDA ROCHA NOGUEIRA**

* Professora-Assistente Doutora do IEB – USP.

Doc. nº 1 – (C.L. 16.28,A8).

Exposição da Conduta e Da utilid^e de / hum Naturalista peregrino / no Brazil.

Os habitadores do Brazil ignorão as ventages que o / Commercio pode tirar das preciosas e raras producções dos seus / terrenos. Não as apprecião por que não conhecem seu valor / não as cultivão porq̄ as reputão inuteis, e não patenteão / a sua utilid^e, quando as conhecem, por não saberē á quem, nem / haver occasião das divulgarem.

Se de tempos em tempos se man/dasse nesta parte d'America hua pessoa instruida nas couzas naturaes, / que das conversações familiares que tivesse com estes povos, tirasse hum / conhecimento do uzo que a necessid^e os obriga de fazer das producções que achão proximas as suas habitacões; seria, me pãresse, / hum meio bem abbreviado de chegar ao fim que se propoem hum / naturalista, quando se dispoen a viajar. Em todas as partes / do Brazil, a antiguid^e ignorante, deixou hum rasto da agencia / groceira, que a falta do necessario apetéssido originou. O querer imi/tar, da motivo a novas invenções. Sem m^{to} trabalho, hum naturalis/ta mandado no Brazil, uniria á deteccão das couzas naturaes / que por officio havia buscar, o conhecimento das propriedades de /m^{tas} outras couzas, que a cada passo se lhe havia commu/nicar. Em cada lugar, encontraria uniformid^{es} nos uzos porem / differenças na materia. Aqui o vestido tingido de tal cor, e / Com tal herva; la tingido da mesma cor, com diferente madeiro.// aqui a cobertura de algodão, la de hum tecido de que não conheceria / a producção. em humas partes as cazas de pedras, em outras de madeiras / que vegetão, \ ede/ que os ramos formão paredes impenetraveis, e eternas / na duração. Em toda a parte se ve producção diferente, e diferentes / modos de se utilizar deles; e isto todo, sepultado no conhecim^{to} de / poucos, sem ter ainda chegado a noticia de quem as aperfecoe / pela arte, e as divulgue em publica utilid^e. Aqui veria huã herva / huma especie de fossile, hum mineral, de que o longo uzo tem / verificado a propried^e, la encontraria hua rarid^e que se tem / Conservado por seculos, e sobre aqual não se tera feito ainda hua so / reflexão. Achara quem lhe noticia aromas, gomas, frutas, mil couzas / e quem o conduz e em os lugares aonde \ os hade/ de encontrar os habitantes / destes certos, amigos do maravilhoso, suspendem as suas atencões / a vista de qualq^r diligencia ordenada por seu Rei que idolatrão. / Estes homes que vivem entre estas couzas que pelo costume lhes são tan/indiferentes, com as entre que vivemos \ na Europa/ nos pãressem comuas; não deixão / porem de moverem a sua curiosid^e pã indagar as propried^{es} das / Couzas que vem. por esta razão, não lhes falta que narrar e que mo/strar. por não \ se/ ter recolhido \ as suas/ toscas e exageradas noticias, tem / se perdido talvez as occasiões de conhecer producções que serião / hoje em paralelo com o Úrucu, a baonilha, o kinakina, o cafe etc. / Entre estas relações, o naturalista adopta o que lhe convem, sempre / Com a idea de se enformar da propried^e das couzas: nisto, pãresse/ me, consiste o fruto das suas viagens: nisto, não perde tempo. Dele // Lhe fica

a maior parte, p^a a exposição das couzas de que não conhecer / a propriede^e hum Naturalista peregrino no Bresil, sera tam utile / a este Reino pela detecção da propriede^e das couzas que vira a noti/ciar, \ como pelo / progresso da historia Natural, q̄ sendo o objeto da sua missão, / sera no seu regresso reputado como o menor fruto de suas viagens. / A instrucção que insensivelmente, por sua cauza, se hade semear entre / estes rusticos, trára tambem com sigo huã grande utilid^e; porq̄. vendo / o apreço que El Rei fas do conhecimento de m^{tas} couzas athe agora des/presadas, e que eles naturalmente propendem a estimar, se farão mais acti/vos a procuralos, e prestarão maÿor attenção p^a endagar a sua propriede^e / imprimirão aos seus filhos ideas relevantes do resultado de outras / novas perscrutações: maÿormente sendo que este Naturalista em / Convidando os mais curiosos a se applicarem a novos descobrimentos, / Lhes apontara hum meio de os fazer notorios.

Se este Naturalista / for medico informar se ha de passage das couzas pertencentes ao seu / officio, nos certões chegará a ver as infirmid^{es} á nú, porq̄ la / não se achão medicos que perturbão e mudão a determinaçã da natureza / pela indiscreta applicação de seus/ remedios, antes de serem informados, e / Certos do genero da molestia que tem a tratar. Se for agudo, e siente, / tera bellas occasiões de admirar a natureza nos combates que livre/mente, e sem estímulo apresenta á cauza das infirmid^{es} Vira a ter / hum certissimo conhecimento destas, pelas suas livres graduações / progressivas. La he que se pode escrever observações sobre as infirmi/dades, // Sem risco de equivocar-se: não ha nestas occasiões \ couza/ que posse induzir / á error. Nao he como em Europa, aonde ainda mal apparese o primeiro / sinal de hua infirmid^e que o mezinheiro vem correndo, informando seja / antes que de tomar o pulço, se em caza se acha papel e tinta. Como / se hovesse de perder a sua reputação se não fizesse a sua receita forte / barbarid^e! O Naturalista medico conhecera com evidencia a força / do remedio, que estes rusticos administrão nos seus desertos. Não os / dão em confuzão, hums poz \ simples/. O suco de hua herva só, sem mais / ingredientes, patentea, confirma a sua virtude, pelo acontecimento/ repetido, e a mudanca que experimenta hum inferno depois de a / ter bebido. Com esta profissão o Naturalista pode receber a faculde / de corrigir abuzos, dar licenças de curar aos curiosos menos ignorantes / p^a que outros mais nessios não o fação com prejuizo major.

Se o Naturalista for Geografo, observara de passage as latitudes, / não lhe custa este exercicio, mais do que escrever duas regras no seu / roteiro. não serão inuteis suas observações que poderão se juntar as dos / outros quando Sua Magestade quizer mandar fazer hua carta geografica / exacta dos estados do Brazil. Sera bom que antes de partir de Lisboa / se faça hum correspondente p^a as observações das longitudes.

Se şuber a Anathomia, que bello campo / p^a se illustrar na indagação e descripções das visseras dos animaes / extraordinarios. isto tenho feito sobre \ / jacaré.

Se for o Naturalista / juntamente quimico fara as analizes que puder, sem porem levar consigo // hum laboratorio, couza impraticavel nestas viagens. Em refem / mandara as mostras das couzas que jusgar necessario serem exam/nadas pode evaporar parcellas das agoas mineraes que encontrar, / e mandar os seus residuos p^a serem aqui analizadas pelo DO^r Vande/lhi, a quem dara parte dos modos, tempos, e motores das precipitações, / em apontando o pezo das agoas antes de cada hum dos seus pro/cedimentos.

Se for bom fisico far se ha recomendavel na relação / dos fanomenos que tem de reconhecer nos diversos climas e / na indagação das cauzas de suas differencias isto ja fis / em parte.

A virtude he recommendavel: não sera bom? que / hum naturalista probo e desinteressado, que observa todo com / os olhos da verd^e, refere no seu diario hum factu, hua acção / digna de louvores? e pela razão inversa, participe / a quem compete, \ o abuzo, / o vicio, a exacção, e a perversid^e quando conhecer / nelles consequencias contrarias ao sussego e bem da republica?

Tenho alguns cadernos contra a pernicioza medecina de / certas partes do Brazil.

Destas indagações, (he sabido) resulta / o interesse e commodid^e dos povos, o conhecim^{to} da bond^e do / principe, o progresso da historia Natural, e a gloria do / Naturalista.

Qualid^{es} De hum Naturalista do Brazil. /

Deve hum Naturalista peregrino no Brazil, conhecer estes // povos e suas inclinações. Ser pratico nesta materia, he huã grande / ventage. deve ser attento, docil, liberal, attractivo, obrar carid^{es} / saber curar infermos. Com estas qualid^{es}, achara socorro, guias / e noticias. Seÿa a verd^e o polo sobre que se estrive, saiba / Callar o que não vir, livre de preocupações, sem sistema / observador das minimas couzas, relator exacto, activo, catholico / e deliberado. que tenha a imaginação fertile, seÿa visto na fisica / e não ignore de todo as Mecanicas, estes talentos são lhe necessarios; p^a / remediar disconcertos, inventar modos, e dar conselhos, e pareceres a quem / l'hospedir. V.G^r. achara nas Minas quem lhe peça \ hum methodo / de / lavar o ouro sem tanta perca, como se pode fazer chegar a agoa / a tal e tal altura aonde por falta dela nao se tira o metal que / Se la acha. não se penetra hua mina por taes ou taes obstaculos. Des/vanesse se a esperança de tornar a achar hum vieiro, hua beta por / intercepções indirectas, ou invinciveis na apparencia. hum bom natura/lista inventa, responde, observa, e da conselhos. aviza os superior^{es} / das suas observações. Se he zelozo executa o que pode e isto de / passage sem fadiga, e sem misterio. eu tenho imaginado hua canula / de ferro

portatile e que julgo não dever passar de 10 arrobas de pezo. / com a qual poderei penetrar na terra athe 20 pés sem ter o defeitto / de subverter a formação das terras que na sua cavidade extrahir. a/ força impulsiva sera praticada por hum pezo proportionado a sua / dimensão e tenacidade do terreno e todo sera dividido por partes desorte // que hua besta so, sera sufficiente p^a a levar. mas / ainda existe na minha imaginação, he o peor que ela tem. / Deve o naturalista do Brazil saber a lingua latina franceza / e do país. As duas primeiras p^a as confrontações. a outra p^a / as Etimologias. Se for eloq^{te} e laconico nas suas escritas sera / recomendavel na republica dos entendidos. que se livre de / Cuidados domesticos, seya forte e infatigavel. esobretudo tenha / inclinação p^a este exercicio. isto em poucos se encontra. / Se com estas coalid^{es} souber confrontar o que vir, com o / que se acha escrito; obrara mto, em breve tempo. /

para este / effeito são lhe necessarios as obras de Liné, de Furnefort / de Bomar, de valerius, de Brisson, de Reaumus, de / Margrave, de pizon, de feuilhé, de jaquin, de Sloanes, / de plumies de Rajo, de Dilenio, e Gesnero. outros / autores que tratão das sciencias respectivas a esta occupação. / he lhe necessario levar hum pintor, instrumentos e drogas / p^a as experiencias, e preservação das couzas que mandar. / Microscopios diversos. \ Bussolas / aguias de marcar, relogios boms, termo/metros, vasos de vidros bem condicionados, e segurante in // inclavados em cachões feitos de proposito. papeis / p^a os hervarios. Cavallos escravos com diferentes officos, / o que todo monta á dispeza seg^{te}.

Dispeza do preparo.

Instrumentos	_____	_____	//
Os livros	_____	_____	20 moedas
20-cavallos	tomados em S. Paulo a 12800	_____	256000 rs
6 negros hum marceneiro			
outro ferrador			
outro mineiro			
outro cuzinheiro	a 130000rs	_____	780000rs
outro nadador			
outro arrieiro			
5 barracas, hua grande, duas pequenas	_____	_____	//
hua tolda p ^a os negros outra p ^a as bagages	_____	_____	//
e p ^a hum ou dous cavalos de reserva			
espingardas e facões rombos p ^a os negros	_____	_____	//
selas e pistolas p ^a 4 cavallos	_____	_____	//
cangalhas e arreos para 16 dtos	_____	_____	//
cachões e cachas 22	_____	_____	//

Entretenim^{to} por anno/

Cada hum cavallo em porta p^a seu sustento cotidiano //

Sendo em viage _____ 100 rs 20 soma por anno _____ //

hum negro _____ 150 6 soma por anno _____ //

o pintor _____ //

o arrieiro _____ //

O ordenado do pintor _____ //

o do arrieiro por anno _____ 60000 r.

do Criado _____ //

ferraduras _____ //

ferrages de cachoes _____ //

avarias - por anno _____ 100000

percas de cavallos e de negros _____

*Ja fis estas digressões com 5 cavallos e dous / escravos, hum moço e não
passei mal. porem / Assim provido e autorizado pode \se/ fazer intenção de ir
/ imitar Liné e turnefort. /*

Modo de praticar este / exercicio

*hum naturalista peregrino no Brazil, tem commodid^{es} que os / da Laponia e Afri-
ca não tiverão. pode e deve ir e tornar pelos / mesmos lugares no espaço do memo
anno. se souber calcular as diversas / visissitudes das estações \ prudentem^{te} /
facilment^e regulara suas viagens. nos / mezes em que as agoas principiãõ são os
\ em / que deve marchar // por serem os em que as plantas são em flor. Nos mezes
em que / as chuvas são continuas, pode se recolher em apovoação may^{or} / aonde
pora dlimpo o que tiver escrito nos mezes precedentes, e / em todo o otono fara
viages.*

*Ainda que em todo o Brazil ha / que ver e \ mto / que fazer neste officio,
em as minas he m^{to} mais, e ha / m^{to} mais utilid^e se deve esperar dos trabalhos
de hum naturalista / se for entendido. porq^a a conveniencia do Rei e dos povos
se acha / nos metaes que elas contem Maranhão e o Rio das Amazonas são / mais
ferteis em rarid^{es} e em plantas.*

*Dou por Exemplo a digressão de / hum Naturalista que tem de chegar ao
Mato grosso. Esta viage / se pode fazer em 6 annos, á partir do Rio de janeiro.*

*Em setembro que he quando principiãõ a floreserem os Campos / desta
capitania, pode se encaminhar por S. Paulo. gastará hum / meze p^a fazer estes
40 legoas vizitando todas as povoacões e / matos sem se applicar a outra couza*

do que a formar / hervarios e descrever \ as/ plantas ignoradas, continuara esta
 ocu|pação athe as cheas. passado o rigor da invernada, tornara / pelos mesmos
 lugares a buscar as mesmas plantas que ja terão / Sementes, e chegara ao Rio de
 janeiro em maÿo, p^a remetter o / que tiver feito. e sem mais demora, ira pelo
 \ mesmo Caminho a / buscar o lugar mais distante aonde esteve quando voltou //
 da Cap^a de S. Paulo á do Rio de janeiro. neste lugar he que/ se completa/ o pri-
 meiro anno.

Em agosto de 2^do anno, parte v. gratia, / da vila de itou aonde chegou na
 viagem precedente e se em / Caminha p^a as minas Geraes, va fazendo hervarios
 athe / a villa do Sabara, sirculando evendo de passage os lugares / e villas de jacui
 pÿtangui S.joão del Rei villa rica St Migue^l / Rio doce e todo o Matto dentro.
 Em Sabara passe o tempo / das chuvas grandes, e logo torna a rever e observar
 o que / não teve tempo de bem conhecer, nessa revista gasta athe / outubro, e
 remette as sementes e o mais que tem feito. deste / meze athe dezembro ve as
 povoações que conduzem / a villa do principe aonde fica todo o tempo das chuvas
 / valendo-se dos tempos chamados la veranicos aonde sessão / as agoas por algumas
 semanas, p^a se transportar em outras / povoações, fazendo attenção que q^to mais
 povoações encontrar / evisitar maior fruto resultara da sua missão, porq̄ nesta /
 conduta multiplica as testemunhas das noticias que recebe / e mais bem as veri-
 fica, alem de que este officio requer vistas / e revistas em o mesmo anno, mais
 vezes se vem as plantas / mais exatas são as relações. mais se encontra a quem
 fallar / mais noticias e mais provas se collige. a promptidão neste / exercicio não
 encorre o risco da superficialid^e ao contrario. // Notempo da secca, fara o mesmo
 que os annos precedentes, voltando / e medindo o tempo p^a tornar a tempo que
 possa vencer / athe S. Romão no principio das agoas seguintes, passando / pelas
 minas novas. Na secca do mesmo anno tornara / pelos mesmos caminhos, e chegara
 ao paracatu donte / Sahira \ logo / para se emcaminhar na Cap^a de Goÿas aonde
 / passara o 4^{to} anno da sua missão. Observando a mesma / conduta escrevendo
 nas grandes povoações, donde remettera / o fruto dos seus trabalhos, a saber de
 goÿas p^a Rio de janeiro / da Villa da Nativid^e p^a a Bahia. De S. Romão e pioÿ /
 p^a pernambuco ou Bahia. Os dous annos seguintes se / empregarão da mesma
 sorte em Cuyaba athe Mato grosso donde / mandara o que tiver pelo parâ.

Si bene dixi benedicas

ERM

joão Franc^o Ravin

26 Março 1774 em Lx^a

Doc. nº 2 – (C.L.16.27,A8)

Monseigneur

Votre Excellence a la bonté de me rassurer au sujet / de mon hôte, et me fait entendre qu'il me reprendra. Dure / nécessité Monseigneur qui m'annonce qu'après tant de penes, tant / de confiance, et deux années d'aprehension je ne suis pas encore près d'arri/ver au terme de mon esperance. je ne laise pas cependant de recomoitre / dans vos prudentes indesisions autant de justice qu'il est affligent pour / moy de continuer a languir dans la situacion ou je me trouve. je ne suis / pas encore assez conû, on a rien decidé sur mon sort. il faut donc que / j'attende. Ayez la bonté Monseigneur de me pardonner et daignez du me / jeter les yeux sur ce portrait, peut etre ma sinserité donnera – elle / a quelque deliberation qui me soit avantajeuse

je suis né a Paris. St Germain / Lauxorois he ma paroisse, j'ÿ ay ete baptisé en l'année 34 au mois de May. / Mes parents sont dans l'obscurité. Mon pere s'appelle Louis firmain Ravin / S'il n'est pas a Abbeville actuelment il se trouve a St Vallery sur somme / en Picardie. j'ay passé dans cette province dans mon enfance on m'y / a cultivé avec assez de soin. mais come je suis né avec le caprice de me / produire par moy mesme et avec l'inclination a voyager, je m'echapois sans / sesse en me distingant par tout par une espece d'etourderie melée de / prudence et de probité. cette calité me fesoit aimer de tout le monde. je continuois a etudier par goût (c'est ma passion dominante) mais come je / le fasois sans contrainte mes etudes ont eté sans regles et parce moy en / j'ai entassé dans ma memoire une multitude de principes fondamentaux / de beaucoup de siences differentes qui bien que confuzes ne laissent point / de me faire considerer les choses dans le vrai sens e me facilite la perception / des etudes les plus scabreuses, quand je veux m'ÿ/appliquer. C'est par ce / moy en que je suis parvenu a savoir assez de Medecine e d'Anathomie // pour meriter de l'applaudissement par tout ou j'ai voulu m'en servir / il en est de mesme de l'histoire naturelle de la fizique esperimentale et de / la Mecanique, je n'ay pratiqué ces arts que respectivement a la Medecine / mais V Ex^{ce} peut voir facilement dans cette petite ouvrage que j'ay en / l'honneur de remettre entre vos mains, si mes raisonnements sont bien / deduits et juger de ce que je suis capable d'executer par le moyen de / ces conoissances.

Si ces preuves ne suffizent pas pour verifier mon talent j'en / produirai d'autres des que V.Ex^{ce} voudra me l'ordonner je vai en presenter / une bien evidente. par elle V.Ex^{ce} ne sera pas trompée et a dire vrai l'on / offre guerre sans offencer la prudence une preuve aussi delicatte. mais / reduit a l'extremité on je me vois je tranche pour tout, e D^s hade me ajudar / se sont les propres paroles que m'a adressé avec douceur Monseigneur le Marquis / De Pombal. Tenha V.Ex^{ce} peut ordonner a quatre bons Medecins de / m'entendre au chevet du lit de quelques

malades. V.Ex^{ce} conoitra par / mes pronostiques par les restricçons que j'y ferei
e par ma methode de / les traiter ce que je sçai dans l'art de guerir, par mes rai-
sonnements / ces medecins sçauront bien apersevoir si je possede ou non les qualités
et / les conoissances qui conduizent a sa perfection.

j'ay passé au Brezil / a l'age de 25 ans apres d'autres voiajes en Affique
e autres parties / De L'amerique je me suis appliqué par tout a connoître la Na-
ture. Etant / au Braisil je me suis marié. j'y'ai quatre enfants ils habitent dans
/ les environs de Riogenera. La mort a enlevé mon epouze pendant mon / absence
dans le temps ou j'étois en Goÿas occupé depuis un an a faire / des recherches
sur la cause des differents climats, e recueillir ce que les / habitants du Braisil
ont de plus certain sur la propriété des plantes / e des chozes utiles a la Medecine.
je m'y suis pris d'une façon a ne me / pas tromper sur le raport des experimentés.
je les ai toutes éprouvé moy / mesme avant de les decrirre. ce que j'ay tenté de
faire a la maniere de / Margrave pour mieux proporcionnée a la perception de
ces gens la. / j'ay bien fais des questions, e bien multiplié mes experiences pour
en venir // a ce point. et croyez le Monseigneur je suis severe sur cet article / et
n'avance rien en charlatant bien que je pourois bien l'etre s'il ne / faloit que de
l'activité pour y parvenir. Ce vice se glisse quelque fois / aussi parmi les docteurs
et les honestes gens.

par la mort de mon epouse, degagé d'un obstacle qui / m'avoit empeché
de chercher a m'establir solidement j'ay passe em / portugal porté sur les ailes
d'une grande confiance que ja vois formé / il y avoit deja long tems pour avoir
sen penetrer l'esfere des ministres / De cette cour. j'avois jugé de ce qui m'arrive
de bien mais non / de ce qui retarde l'entiere deliberation de Vos Ex^{ces} a fixer
mon sort. / j'ignore encore si cest ma faute. j'ai cependant parlé vrai. les preves
de ce que j'avance sur ma probité se trouvent dans les certificats / que j'ay remis.
Sil ne servent pas pour prouver mes qualités Spiritueles / au moins pourat'on
se deffendre de les pecevoir come attestants mon / honneur? un mechant est
toujours soupsonné on ne se porte pas facil/ment a l'autoriser. Le Seigneur Luis
Diogo Lobo da Silva est un / temoin oculaire de ma Conduitte a Villa Rica il se
porte volontier / a dire de moy ce qu'il sçait il l'a mesme fait en m'exaltant devant
/ beaucoup de personnes. outre cela ce seigneur a recû d'un autre endroit / des
lettres a mon sujet. Si j'avois sçu que des recommandations me fussent / nécessaires.
j'en aurois, \ mais / a peine en ai-je recû une por M^s Le Conte de / Villa flor, qui
me fait la grace de m'estimer.

Voila Monseigneur ce / qu'un home offusqué de melancolie peut arracher
de sa cervelle et / de la verité pour tacher de se lier aux la bormes intentions que
V Ex^{ce} / a pour moy. pardonnez a cette longue e enuiante lecture e quand votre
/ Ex^{ce} aura hum petit instant a perdre; daignez vous faire lire ce / petit cahier
que expose ce qui Seul / fait mon bonheur sans rien plus / Desirer dans ce monde,
que celui de conoitre dans l'autre l'auteur de la nature, dont / je Sup^e V. Ex^e

de me faire exercer l'etude, et, me restuer au Bresil pour continuer / mes recherches sur ses productions.

E R M

Jean françois Ravin

Doc. nº 3 – (C.L. 16.29, A 8)

Francisco Miguel / deVasconcellos Almadanim, Doutor / em os Sagrados Canones, Opozitor ás / Cadeiras desta Universidade, que pre/zentemente sirvo de Conservador da / mesma. Attesto, que o Senhor Joam / Francisco Ravin, vindo a esta Cida/de deCoimbra com particulares in/cumbencias do Ministerio sobre a sua / profissão deMedicina; se fez publico, / e notorio, que nas conferencias da faculdade respectiva se tratara sobre / as molestias, que actualmente são / contagiosas no Rio de Janeiro, no Es/tado do Brazil, e na quelles Concur/sos he bem certo, que o Sobredito Profes/sor tirou a rezulta defazer conhecer / o seu raro talento, e habilidade, e jun/tamente a particular idea com que / se podia tratar aquella enfermidade, / e evadirse o progresso da epidemia; e / outrosim attesto, que prezenciei acon/ducta do Sobredito pelo espaço de trez / mezes, e segundo a opiniam das pes//soas de probidade, he certo, que feore/rido se conduzio com toda a gravidade, / e modestia, sem orgulho, nem impos/turas, e para constar passei esta / por me ser pedida emCoimbra, o que / juro debaixo do juramento demeugrão, / vinte enove de Julho de mil setecen/tos setenta equatro – Doutor Fran/cisco Miguel deVasconcellos Almada/nim

Reconhecim^{to}

Aleira, esignal da attestação retro, / reconheço ser verdadeira do Doutor Fran/cisco Miguel deVasconcellos Alma/danim, Coimbra vinte eseis deAgosto, / de mil setecentos setenta eseis – Lugar do sinal publico – Emtestemunho / de verdade – Manoel Gomes deBessa / Negrão

Outro reconhecim^{to}

Reconheço aletra, esignaes do re/conhecimento supra ser do Tabeliam // Tabeliam ManoelGomes deBessa Ne/gram, Lisboa trez deSetembro de mil/setecentos setenta eseis – Lugar do si/nal publico – Emtestemunho de verdade – /oTabeliam Thomaz daSilva Freire

Outra Attestação

Eu abaixo assignado, Lente actual / da primeira Cadeira da Faculdade de / Medicina, nesta Universidade, enella / Director, e Decano da mesma faculdade / etc. Attesto, que o Senhor João Fran/cisco Ravin deNação Franceza, me/mostrou huma Dissertação, que tinha / feito sobre a Lepra, que grossa nos Es/tados do Brazil, aqual me pareceo, / que estava muito erudita; e que em / alguns encon-

tros, que com elle tive, / falamos sobre varias materias ci/entificas, pertencentes
áArte Medi/ca, e Cirurgica; e que me capacitei / deque nellas tinha muito boa-
instrução; o que tudo sendo necessario afir/mo debaixo de juramento de meu
grao // Coimbra, e Agosto vinte esinco demil / setecentos setenta eseis annos –
Doutor Antonio Joze Pereira

Reconhecim^{to}

Aletra esinal da Attestação su/p^{ra}, reconheço ser verdadeira. Cõ/imbra
vinte eseis de Agosto, de mil se/tecentos setenta eseis – Lugar do sinal / publico
– Emtestemunho de verdade – / Manoel de Bessa Negrão

Outro reconhecim^{to}

Reconheço aletra esignais do / reconhecimento retro ser do Tabelaão / Ma-
noel Gomes de Bessa Negram. / Lisboa trez de Setembro de mil setecen/tos se-
tenta eseis – Lugar dosinal / publico – Emtestemunho da verdade – / O Tabelaão
Thomaz da Silva Freire.

Outra attestação

Tendo nos procurado o Senhor João / Francisco Ravin, de naçam France-
za // Franceza, huma attestação, ejuizo / das suas obras medicas, e botanicas do
/ Brazil, em que fez dilatadas viagens, / e tambem de huma dissertação aprezen-
/ tada á faculdade medica de Coimbra. / Diremos com toda a verdade, que a obra /
botanica contem a exacta descrição de / muitas plantas medicinaes, ainda não
conhecidas em Europa, e observações / de suas virtudes feitas por si, e outros /
medicos praticos da quella regiam; / que a obra medica he particular, e util / ao
Brazil, porque nella se tem em / consideração o clima, os alimentos, o / modo
de viver dos habitadores, e seus / deferentes temperamentos, e que na / cura das
enfermidades que expoem, / propoemse os remedios proprios do / Brazil. No que
respeita a disser/tação do Elephantiazis, diremos, que / para abrevidade do tem-
po em que / elle acompós, nam se podia descrever / historia mais exacta, nem
mais eru//dita de tal doença, nem propor reme/dios mais convenientes, alem das
proprias observações, que relatou. Des/tes manuscritos, edas praticas que te/mos
tido em Coimbra, e em Lisboa com / o dito Joam Francisco Ravin, conhe/cemos,
e attestamos, que possui todas / as qualidades, e noções, que caracte/rizam os
Medicos sabios, eos Cirur/gioes peritos; O que tudo affirmamos / debaixo do
juramento de nosso grao, pa/ra lhe servir no que for justo. Lisboa / em treze de A-
gosto de mil setecentos se/tenta eseis – Doutor Manoel Antonio / Sobral – Dou-
tor Antonio Joze Fr^{co} Aguiar, Lente da segunda Cadeira pratica / de Medicina
e Chirurgia – Doutor Mi/guel Franzini, Lente de Mathematica, / eda faculdade
de Medicina na Univer/sidade de Coimbra – Doutor João Antonio dalla Bella,
Lente de Fizic Experimental, eda faculdade de Medicina / na Universidade de Coimbra
– Doutor // Doutor Domingos Vandelli, Lente das / Cadeiras de Chimica, ede
Historia na/atural, eda Faculdade de Medicina na Uni/versidade de Coimbra

Reconhecim^{to}

As letras esignais das atestações / retro, reconheço ser tudo verdadeiro dos / Lentos nella conteudos. Coimbra vin/te eseis de Agosto, demil setecentos se/taenta eseis – Lugar do sinal publi/co – Emtestemunho deverdade – Ma/noel-Gomes deBessa Negram

Outro Reconhecim^{to}

Reconheço aLetra, e signais do re/conhecimento supra ser do Tabeliam / ManoelGomes deBessa Negram. / Lisboa trez deSetembro de mil sete/centos eseis – Lugar do sinal / publico – Emtestemunho deverdade – / oTabeliamThomaz daSilvaFreire

Etresladadas as concertei com as // proprias aque me reporto, que tor/nei aentre-gar quem mas apre/zentou, ede como as recebeo aqui as/signou, easeu\pedimento passei esta / copia em publicaforma. Lisboa trez / deSetembro de mil setecentos seten/ta eseis – Eeu oTab^o ThomazdaSilvaFreire / asobscrevy, eassigney empublico erazo etc^a

Thomaz daSilvaFr^e

Emtest^o deverde

ENTREVISTAS RELATIVAS A *O MUNDO LITERÁRIO**

Eneida Maria Chaves**

O levantamento da matéria contida em *O Mundo Literário* provocou questões, cujo esclarecimento dependia em grande parte do depoimento de colaboradores e de outras pessoas ligadas à revista. Assim, mantivemos vários contatos no Rio de Janeiro, principalmente com Andrade Murici e Murilo Araújo, que nos apresentou a esposa de Théó-Filho, um dos diretores. Das informações iniciais, passamos, ainda no Rio de Janeiro, em julho de 1975, à realização de uma entrevista gravada com Murilo Araújo. Posteriormente, o material datilografado que a ele enviamos, nos foi devolvido com as correções necessárias.

Usando a mesma forma, em São Paulo entrevistamos o romancista José Geraldo Vieira e Sérgio Buarque de Holanda, em agosto de 1975. Apresentamos aqui o resultado destas três entrevistas, que contribuíram grandemente para elucidar e também enriquecer vários pontos de nossa pesquisa, além de terem trazido elementos sobre a vida literária da época.

Entrevista com Murilo Araújo

Pergunta — Como surgiu a revista *O Mundo Literário*? A quem se deve a idéia de sua criação? Segundo uma informação de Raimundo de Menezes, em seu dicionário de autores brasileiros, teria sido uma iniciativa da Livraria Leite Ribeiro.

Murilo Araújo — Penso que foi uma revista projetada pelos dois diretores — Pereira da Silva e Théó-Filho. Para mim, não foi uma iniciativa da Livraria Leite Ribeiro que teria convidado Pereira da Silva e Théó-Filho para dirigirem a revista. Pode ser até que tenha sido assim. Mas eu não tenho esta impressão. Acho muito difícil uma livraria fundar uma revista, principalmente uma revista inteiramente literária. E essa não publicava somente artigos

* Extrato do apêndice ao trabalho *O Mundo Literário: um periódico da década de 20 no Rio de Janeiro*, monografia de Mestrado. Mimeografado, S. Paulo, FFLCH-USP, 1977, 2 volumes.

** Mestre em Letras, FFLCH-USP.

de autores editados pela Leite Ribeiro. Eu, por exemplo, não tinha qualquer vínculo com eles (Livraria Leite Ribeiro ou Livraria Freitas Bastos, depois). Como eu, muitos outros. Tratava-se de uma revista aberta para todo mundo. Uma revista eclética. Naquele tempo, a Livraria Freitas Bastos, situada debaixo da redação d'*O Globo*, era um ponto de encontro de literatos.

P. — Como o Sr. considera a posição de *O Mundo Literário* em relação ao movimento renovador que dominava os anos 20?

M.A. — Tomando-se *moderno* no sentido da Semana de Arte Moderna, o periódico *O Mundo Literário* não foi uma revista exclusivamente modernista. Abria suas colunas também para alguns elementos modernos. Revistas propriamente modernistas só houve três aqui, no Rio, que eu conhecesse. Foram exatamente *Festa*, com Andrade Murici e Tasso da Silveira; uma revista de Manoel de Abreu; e a revista de Sérgio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes, neto: *Estética*, que saiu em 1924, na época marcada já pela renovação. Havia revistas tradicionais, poucas, que abriam suas colunas para os novos. Nesse número estão *O Mundo Literário* e algumas revistas de Álvaro Moreyra. Esse, longe de ser reacionário, se associara aos rebeldes de São Paulo; e as revistas que ele dirigiu abriam também as colunas para os renovadores insubmissos. *O Mundo Literário* era porém uma revista diferente de *Estética* e de *Festa*, revistas de grupos. Sua maior qualidade era justamente seu maior defeito: aquele ecletismo, com tudo que ele tinha de bom e também de mau.

P. — Por duas vezes na seção "Notas Literárias" apareceram ataques à revista *Klaxon*. Como se explicam esses ataques, assim como as alusões depreciativas ao Futurismo, no corpo da revista?

M.A. — Era porque se tratava de uma revista aberta a várias correntes: tinha colaboradores passadistas também. Assim, não era uma revista de acordo com nossos ideais, mas que já fazia muito em abrir suas portas para alguns dos nossos. Ela prestou serviços. Era mais ou menos como *Terra de Sol*: também de certo modo liberal, com colunas abertas à gente nova, mas aceitando colaboração de certos elementos reacionários.

P. — De acordo com o levantamento de colaboradores, mais de 15 dos que participaram d'*O Mundo Literário* atuariam depois no periódico *Festa*. Haveria alguma identidade de linha do pessoal d'*O Mundo Literário* com o grupo de Andrade Murici e Tasso da Silveira?

M.A. — A razão do grande número de colaboradores de *Festa* em *O Mundo Literário* é que naquela época não tínhamos muito onde publicar nossas coisas.

P. — O Sr. acha que a revista teve muita repercussão na época? A imprensa acolheu-a bem?

M.A. — *O Mundo Literário* teve alguma repercussão. Mas era uma revista de transição. Imparcial, tinha colaboração de um lado e de outro. Mesmo assim, porém, acho que teve mais comunicação que as revistas propriamente modernistas que ficaram restritas a um grupo ainda muito pequeno de leitores.

P. — Quanto à criação em verso, predominam poesias parnasianas na revista. Que explicação o Sr. encontra para esse fato?

M.A. — Isso refletia a atmosfera daquele tempo. Os verdadeiros novos, os que tentaram criar alguma coisa, eram exceção, muitas vezes desconhecidos ou combatidos injustamente. Naqueles dias o Parnasianismo dominava. Quando eu apareci com meu primeiro livro quase que era proibido fazer outra coisa que não fosse poesia parnasiana. O próprio Simbolismo estava meio esquecido. Eles, os parnasianos, tomavam a forma como um fim, quando a forma é um meio. O essencial é a criação. A forma vai surgindo em função daquilo que vai sendo expresso.

P. — Percebe-se uma certa preocupação nos "manifestos" com idéias de integração do Brasil. Houve alguém da revista *O Mundo Literário* ligado ao integralismo?

M.A. — Propriamente da revista não me consta. Na verdade o que houve naquela época foi uma certa tendência nacionalizante na literatura. A literatura brasileira surgiu querendo tornar-se autônoma, com caráter próprio, com os românticos, com um Castro Alves, um Gonçalves Dias, um Bernardo Guimarães. O próprio Casimiro de Abreu fez a sua poesia com mo-

tivos da nossa natureza, com sentimento brasileiro. Mas os parnasianos voltaram para trás. Começaram a imitar os manifestos dos franceses, começaram a imitar os portugueses. De certa maneira despersonalizaram um pouco a literatura. A minha geração reagiu contra isso. Eu escrevi um artigo na *Gazeta* em São Paulo sobre um livro de estreia de Adelino Magalhães, artigo a que dei o título "À margem de um livro brasileiro". Antes eu tinha publicado um ensaiozinho no suplemento da época: "Nacionalismo literário". Essas tendências apareciam em diversos jovens. Depois se afirmaram mais caracteristicamente com a *Semana de Arte Moderna*, embora no começo da revolução não fosse tão acusado esse sentimento, porque Graça Aranha, por exemplo, era contrário a ele. E daí vieram minhas divergências com o mestre. Ele dizia: "Qual nacionalismo... Nós temos que aprender com os países mais adiantados do que nós". Discordei dele. Eu tinha aplaudido o discurso que o autor de *Canaã* fizera na Academia, rompendo com a literatura estagnada de então, mas não aceitava suas idéias anti-nacionalistas. Não concordei também com a objeção que ele fazia ao subjetivismo, que lhe parecia "um resquício romântico". Eu dizia que, se a arte moderna deforma as coisas, como poderia deformar sem o elemento subjetivo? É esse elemento que transfigura o mundo nas criações novas. Discordando dele é que fiz minha conferência "Modernismo e aranhismo", publicada logo depois em *O Mundo Literário*. Nela tratava-o, entretanto, com todo respeito, mas estabelecendo divergências. Um dos pontos de minha discordância era justamente o nacionalismo. Afirmei que a obra do próprio Graça Aranha tinha caráter brasileiro. Defendi esse caráter nacionalizante não com base política, mas com base sentimental. Só se chega ao universal através do nacional, que é o humano: aquilo que o homem é, a sua família, a sua pátria, quer dizer o setor humano a que pertence. Se ele for sincero, tem que aparecer no seu estilo com esse aspecto particular. Desse modo ele pode interessar melhor os outros. Não é universalizando seu caráter que vai se tornar notório.

P. — A revista *O Mundo Literário* teria revelado uma preocupação nacionalista? Em outubro de 1922, eles apresentaram um número especial fazendo um retrospecto geral, em vista da comemoração do Centenário da Independência.

M.A. — Diretamente esta revista não tinha preocupação nacionalista. Justamente naqueles anos o centenário da Independência acentuou ainda mais essa tendência. O integralismo se orientou desse modo. Quando apareceram os primeiros manifestos integralistas, surgiam de uma situação bem compreensível. Tinha havido a revolução constitucionalista em São Paulo, cidade inteiramente brasileira e democrática. Ela queria acabar com a ditadura e reestabelecer o regime constitucional. Os outros Estados não vieram em socorro dos paulistas. Daí surgiu uma certa animosidade em São Paulo. Houve ali certos momentos de revolta. Dizem que Guilherme de Almeida fez um desacato à bandeira e houve outros pequenos fatos isolados. Reagindo contra isso é que se fundou o integralismo: pela pátria integral, a paz e a união entre os Estados, sem separatismo, sem nada. Teve, na ocasião, a sua utilidade; foi necessário para acabar com esta pequena briga de família: sobrepor a pátria grande a esse sentimento da pequena pátria. O amor à província é de todos os patriotismos o menos defensável. É compreensível o sentimento político da grande pátria, que é a união de todos os sistemas. É compreensível o sentimento pela cidade onde se nasceu, cresceu, amou. Mas a divisão administrativa, a divisão por Estados, é uma convenção. Naquela época um diário de Minas organizou um número dedicado a São Paulo. O Sérgio Buarque de Holanda veio me pedir colaboração para esse número. Eu fiz o meu poema "Brasileiros de São Paulo". É um poema louvando o papel de São Paulo na formação nacional. Outro aspecto que pode ser verificado em *O Mundo Literário*: a preocupação do pessoal da revista em separar a literatura nacional da estrangeira com duas seções distintas — "Literatura Estrangeira" e "Literatura nos Estados" — já era um traço de nacionalismo.

P. — *O Mundo Literário* durou 4 anos. O Sr. não acha que é um tempo bastante longo para uma revista literária?

M.A. — Naquela época não deixa de ser um tempo bem longo, principalmente se o compararmos com a duração das outras revistas. Ela saía com mais pontualidade que as suas congêneres, porque tinha a livraria que a custeava. Não se pode dizer que seus diretores fossem

modernistas: nem o Théo-Filho, nem o Pereira da Silva. Este era um poeta muito conceituado então. Fazia uma arte simbolista, decadentista, mas com uma característica própria, independente. Mas não era modernista. Théo-Filho, nesse tempo, tinha um público enorme. Era um escritor muito lido. Ele perdeu esse cartaz com o advento da renovação literária. A literatura de Théo-Filho era uma literatura naturalista. Interessante, porém. Um caráter brasileiro, uma narrativa espontânea, fácil. Agradava muito. Seus livros tiveram várias edições. Ele escreveu vários romances nessa época. *A Fragata Niterói*, por exemplo, é um romance de caráter histórico muito bem feito, muito interessante.

P. — Na sua opinião, em que medida este periódico contribuiu para o desenvolvimento da literatura brasileira de então? Qual o seu valor e a sua atuação dentro do quadro evolutivo da literatura brasileira?

M.A. — Ele foi um meio de divulgação de nomes. Acho que contribuiu como contribuíram naquele tempo os suplementos literários. Os jornais, naquela época, como *O Globo*, *Diário de Notícias*, *O Jornal*, *A Manhã*, possuíam desenvolvidas páginas de letras. Mesmo os poetas que conseguiam muito cartaz, raramente chegavam a uma segunda edição. Na revista *O Mundo Literário*, a poesia e a prosa apareciam ao alcance do vulgo. Essa a sua maior contribuição.

P. — Lembra-se de algum fato pitoresco relacionado com *O Mundo Literário*?

M.A. — Sim, por exemplo: a "Antologia dos Novos" que o Adelino Magalhães começou a publicar em *O Mundo Literário*, provocou, na época, uma discussão entre ele e Manuel Bandeira. Adelino foi um precursor do Modernismo. O livro dele — *Casos e impressões* — de 1916, já tem caráter impressionista, que coincide com a literatura que veio depois. Ele era, porém, irônico, irreverente, julgava-se injustiçado, porque o seu primeiro livro fora incompreendido e malhado pela crítica de então. A polêmica foi por causa de Ribeiro Couto, devido a um comentário sobre ele, na "Antologia dos Novos", feito por Adelino Magalhães. Lá dizia Adelino ironicamente que Ribeiro Couto era um autor de livros muito interessantes para crianças. Manuel Bandeira, encontrando-se com Adelino, disse: "O Sr. escreveu uma coisa n' *O Mundo Literário* que eu considero uma infâmia". Depois começaram a trocar de saforos, tossidos. Os dois sofriam dos pulmões. Assim, por causa da "Antologia dos Novos" e de sua referência ao alto poeta que era Ribeiro Couto, houve entre os dois jovens e grandes escritores aquele duelo de insultos e pigarros.

Entrevista com José Geraldo Vieira

Pergunta — Como surgiu a revista *O Mundo Literário*? A quem se deve a idéia de sua criação? Segundo informe de Raimundo de Menezes, em seu dicionário de autores brasileiros, teria sido uma iniciativa da Livraria Leite Ribeiro.

José Geraldo Vieira — Do ponto de vista empreendimento material, essa asserção é verdadeira. Aquela livraria, como firma comercial, era composta pelo velho político Leite Ribeiro e mais dois sócios, um deles, aliás corcunda afabilíssimo, sendo comendatário da casa atacadista de ferragens Hime & Cia. Do ponto de vista empreendimento cultural, a suposta redação (que nunca existiu como escritório) foi constituída por três elementos que não dispunham de capital nem de prática especializada: o poeta Pereira da Silva, funcionário da Central do Brasil (como havia sido Cruz e Sousa) sem a menor desventura quanto ao conceito de "comunicação social"; Théo-Filho, recém-chegado dos bulevares parisienses, mas que aqui no Brasil se tornaria um marginal às rodas literárias; e Agripino Grieco, funcionário do Ministério da Viação e possuidor de certo carisma pessoal por sua língua mordaz; ele próprio se chamava "o Aretino do Meyer", "o Voltaire dos Subúrbios". Como havia dinheiro e por conseguinte orçamento para a impressão e o pagamento da redação, já que os colaboradores seriam gratuitos, os três meteram mãos à obra, havendo muitas possibilidades de êxito porque sabiam quais os elementos que deviam convidar. O próprio interessado, após algumas semanas do convite e da insistência, acabava deixando na Caixa o seu soneto, o seu conto,

o seu ensaiozinho. Não me lembro absolutamente se *O Mundo Literário* tinha anunciantes. Ele viria modificar a vida literária carioca quanto à publicação de inéditos, facilidade esta que só era conseguida em *A Careta*, *Fon-Fon* e *Revista da Semana*, em cujos intervalos ou vãos de anúncios os poetas logravam exíguo espaço e isso mesmo após o visto de Leal de Sousa (em *A Careta*), Mário Pedemeyras ou Álvaro Moreyra no *Fon-Fon*, e não sei quem em *A Revista da Semana*. Eu, por exemplo, quando estudante de Medicina na velha Faculdade da Praia de Santa Luzia desde 14 até 19, sempre nesse largo ínterim publiquei meus contos em *O Jornal* (que ainda estava longe de vir a ser de Chateaubriand; conheço-o em Berlim, na nossa Embaixada, ao tempo de Guerra Duval, como mero correspondente de *O Correio da Manhã*). Se Théó-Filho, com monóculo e tudo não freqüentava rodas literárias, muito menos podia influenciar nelas o boníssimo e santo Pereira da Silva; ambos dispunham, contudo, dum caixeiro-viajante ousado, que era o Grieco. Saindo este, de tarde, do Ministério na Praça 15, passava pelo Café Belas Artes, propriedade do dono da *Galeria Jorge* (a única então existente no Rio), tomava café pago pelos outros, fazia algumas piadas, dirigia-se à *Livraria Garnier*, depois à *Livraria Briguiet* e montava seu quartel na *Livraria Schettino*. Nesses locais é que ele encontraria os prováveis colaboradores para *O Mundo Literário*. Esses centros foram, quando eu ainda era estudante, os locais que eu freqüentava. De volta da segunda viagem à Europa, isto é, já médico, tendo que trabalhar na Beneficência Portuguesa e na Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro, eu de fins de 22 até 41 só freqüentei, e isso mesmo de manhã, a *Livraria Garnier*, como satélite eventual de Prudente de Moraes, neto (ele fazia e faz questão desse "n" minúsculo...), de Sérgio Buarque de Holanda, então magérrimo e de monóculo, de Carlos da Veiga Lima e de Américo Facó; mais tarde se incluiria nesse nosso círculo (que da *Garnier* atravessava a Avenida para ir tomar batidas em *A Simpatia*) o triângulo notável constituído por Ismael Neri, Mário Pedrosa e Murilo Mendes.

P. — Como o Sr. considera a posição de *O Mundo Literário* em relação ao movimento renovador que dominava os anos 20?

J.G.V. — Não era uma revista praticamente de sentido moderno. Era de gênero, tipo e finalidade bem diferentes de "Maintenant", "Litterature", "Sic" e demais revistas que saíram de 16 a 22 na Europa, relativas ao movimento Dada e ao movimento proto-surrealista. No Brasil, revista moderna no sentido de vanguarda nós só começamos a ter com a *Klaxon*, primeiro, e depois com *Estética*, *Antropofagia* etc. *O Mundo Literário* era uma revista de pluri-colaboração, não significando uma ala de tendência política ou estética. Mera criação e recriação literária e lúdica.

P. — Então não se conglomerou um "grupo" em redor da revista *O Mundo Literário*, unido por idéias e propósitos afins?

J.G.V. — Não, porque não havia nada mais diferente dum Pereira da Silva, poeta e funcionário público, ao lado de um Théó-Filho, de boulevardier, e ao lado de um sujeito mirabolante como o Agripino Grieco. De maneira que não se formou praticamente um grupo. Como praticamente não havia suplementos literários nos jornais, como era moda fazer revista e como havia alguns literatos encontrados nos locais já citados, naturalmente foram convidados três deles pelo velho Leite Ribeiro para fundar uma revista. O próprio nome, *O Mundo Literário*, já inclui uma generalidade de colaboração e não uma determinada facção como a do pessoal das revistas de Sá Carneiro, de Fernando Pessoa, etc. em Portugal.

P. — Contudo, essa revista encontrou boa aceitação nas rodas literárias da época? A imprensa acolheu-a bem?

J.G.V. — Sem dúvida nenhuma, a revista teve boa aceitação na época. O movimento vanguardista no Rio era confusamente chamado de "futurismo", ou então por uma palavra inteiramente sem nexo para o caso, "penumbriismo". "Penumbriismo" é termo metafórico que pode ser adaptado a algo parecido com simbolismo, mas nunca ao movimento moderno. Mesmo aqui, em São Paulo, a turma que fez o movimento de 22 — tirando o Oswald que era genial e o Mário idem, e tirando alguns pintores, escultores, como Di, Brecheret e Vicente do Rego Monteiro, os outros continuaram a fazer literatura e arte individual. A semana de arte de 22 foi um *happening*. Mas não modificou tudo radicalmente. Apenas, em literatura

o Oswald e o Mário adotaram uma disciplina de movimento. De maneira que o *establishment* continuou a ser mera rotina, não foi abalado, não se viu na obrigação de seguir o que nem os outros sabiam direito o que era. Embora o Oswald com o Pau-Brasil e a Antropofagia tivesse indicado, simbolicamente, exportação do que é nosso e assimilação do que é de fora, só alguns grupos é que pensavam nisso: os novos de Cataguases, o grupo do Norte liderado por Gilberto Freyre. O resto continuou a fazer literatura evoluindo-a fisiologicamente.

P. — *O Mundo Literário* durou quatro anos. Este período significa um tempo bastante longo, e maior até do que a duração de outros periódicos da época. Como o Sr. explica que esta revista tenha durado tanto tempo?

J.G.V. — Porque era nutrida por uma empresa, por uma livraria de sujeitos que não eram livreiros, que não entendiam de livraria, mas que subsidiavam talentos. Quase todos os empregados da livraria eram antigos empregados do velho Jacinto, dono de uma livraria que houve muitos anos no Rio, primeiro na rua da Assembléia e depois na rua São José. Eles não entendiam daquilo, mas tinham dinheiro e intuição. E queriam naturalmente um domínio editorial, no Rio de Janeiro. Porque a *Garnier* e a *Alves* não publicavam mais livros de autores brasileiros há muitos anos. A *José Olympio Editora* e a *Livraria Schmidt* ainda não tinham aparecido. De maneira que a razão era esta: eles podiam pagar uma revista própria. A direção da Livraria era praticamente também a direção da revista no sentido de providências materiais, papel etc. Théó-Filho e Pereira da Silva arregimentavam os colaboradores, e Grieco os dinamizava.

P. — A Livraria fornecendo o dinheiro poderia interferir no sentido da revista?

J.G.V. — Não interferiu em nada. Porque eles não tinham nem redação lá. Não tinham redação em lugar nenhum. Nós apresentávamos nossas colaborações. Eles reuniam aquilo etc. Mas não houve nenhuma orientação que indicasse um movimento polêmico. Ou então que os colaboradores e os leitores se servissem de uma revista como orientação política, tal como aqui em S. Paulo, no caso, os integralistas. E, inclusive, que eu saiba, nenhum desses três — Pereira da Silva, Théó-Filho, Agripino Grieco — aderiria mais tarde a esquerdas ou a direitas.

P. — Na sua opinião, em que outra medida este periódico contribuiu para o desenvolvimento da literatura brasileira daquele período? Qual o seu valor e a sua atuação dentro do quadro evolutivo da literatura brasileira?

J.G.V. — Eles recebiam colaboração de todos os gêneros. De maneira que não se tratava de uma revista que tivesse um ponto de vista estético unívoco. Não era uma revista como (*Klaxon*.)E nem mesmo como a revista que Monteiro Lobato fundou aqui em São Paulo — a *Revista do Brasil*. Esta também era uma revista que não tinha um critério exclusivo, mas onde predominavam os ensaios. Nem mesmo no sentido de colaboração vejo identidade entre a *Revista do Brasil* e *O Mundo Literário*. Ambas recebiam colaboração de diversos setores, mas a *Revista do Brasil* preferia os eruditos. O sujeito que era erudito e tinha sua pesquisa a explicar, era o colaborador preferencial. Contudo, ambas não eram revistas definidas em angulação, eram revistas circulares, centrípetas. Há revistas eminentemente polêmicas que definem um grupo, uma "panelinha", e são muito interessantes. Há outras que são praticamente suplementos, como esta, *O Mundo Literário*. Eu, por exemplo, me lembro que o meu conto "A taça de champanha", minha primeira colaboração neste periódico, fez barulho. O pessoal gostou muito. As revistas de grupo têm um ponto de vista ou filosófico ou estético, enquanto que as outras são pluralistas. Em *O Mundo Literário* se verifica uma heterogeneidade, por exemplo, a partir da redação: o Agripino Grieco era um expressionista verbal, gostava de agredir todo mundo, de fazer piada etc.; não se coadunava, portanto, com o feitiço plácido, quase franciscano, de Pereira da Silva, que era bondoso, calmo, já fora da época. É preciso ter em conta que parte da nova geração literária no Rio de Janeiro, o grupo democrático, se reunia no Café Belas Artes, na Livraria Schettino, na Livraria Garnier, na Livraria Quaresma. Outra parte, constituída por José Picorelli, Álvaro Moreyra, Felipe de Oliveira, Homero Prates, o grupo aristocrático, se reunia no apartamento de Graça Aranha, perto do Hotel Glória. O primeiro grupo, quando apareceu perto do Teatro Lírico a Livraria Freitas

Bastos, ao lado da Galeria Cruzeiro, não se transferiu para lá, onde aliás nunca chegou a haver rodas literárias. Era um pouco fora de mão. O grupo ficava ali pela Avenida e Ouidor. De modo que não havendo revistas que selesionassem, que formassem grupos determinados, que tivessem um sentido dialético ou um sentido polémico, o recurso primário era colaborar em *Fon-Fon* e em *A Careta*.

P. — De acordo com o levantamento de colaboradores, mais de 15 dos que participaram em *O Mundo Literário* atuariam depois em outro periódico — *Festa*. Qual a diferença substancial de *O Mundo Literário* com o grupo de Andrade Murici e Tasso da Silveira?

J.G.V. — *Festa* nasceu "simbolista". O Murici era praticamente o crítico dos simbolistas brasileiros. Com aquela mania de revistas européias, principalmente Portugal com *Orfeu*, *Águia*, *Presença*, e outras, o grupo simbolista quis reunir-se graficamente também, ter a sua revista. Então seus elementos fundaram *Festa*, com dificuldades de dinheiro etc. Não é que tivesse havido cisão carioca, nada disso. Pelo hábito de todos os movimentos terem a sua revista, o seu balcão, eles fundaram *Festa*. Mas não se infira nem se deduza que o grupo tenha saído de outras revistas para isso. Agripino até assoalhava uma coisa muito engraçada, mas injusta, afirmando que uns sujeitos tristíssimos, encabulados, espectros de viúvos, tinham fundado uma revista com o nome de "Festa", mas que deveria se chamar "Velório". Quanto a mim, sempre fui amigo deles, do grupo simbolista. Inclusive o Andrade Murici descobriu uma coisa interessante que crítico nenhum tinha descoberto até então no meu livro *Ronda do Deslumbramento*: vários contos simbolistas. Ele disse que prosadores simbolistas no Brasil só houve dois: o Gonzaga Duque e eu. *N'A Mulher que Fugiu de Sodoma* tem este episódio: meu personagem sai uma tarde da Livraria Garnier e vai descendo avenida abaixo ao lado de Nestor Vítor. E quando ambos chegaram ali no Obelisco, donde a gente vê o Pão-de-Açúcar e a Barra, o Nestor Vítor olhou para lá e disse: "Coitadinha, não se levanta nunca mais!" E meu personagem: "Quem, quem, dr.?" E ele: "A Europa, menino, a Europa!". Quando isto saiu, o Murici zangou comigo, me interpelou na rua: "Então você faz uma piada daquela com um sujeito tão correto e ainda por cima diz que ele era o único branco que ainda explorava o preto!" E eu respondi: "É que ele só fala no Cruz e Sousa". Eles, os simbolistas do Paraná, andaram meio zangados comigo. Esse grupo era muito fechado e específico, diferindo da linha de Alphonsus de Guimaraens de Minas, e mesmo da de Cruz e Sousa. O demônaco Grieco dizia que eram pernetas, por causa do paranaense Emiliano Pernetal Gracejos!

P. — Pereira da Silva era um poeta simbolista também?

J.G.V. — Sim, e não. Era um melancólico, mais às voltas com o *Da-Sean* do que com o *Ego*. Ele não tinha conhecimentos estéticos para ser ortodoxo. Certos supostos simbolistas falavam em "Bruges", "folhas mortas", "outono", essas coisas que não existem no Brasil. Além de Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens, prezo muito Mário Pederneiras, cuja poética intimista e inefável eu não sei se faz parte ou não do simbolismo. Isso de simbolismo sempre existiu, muito antes do Simbolismo com "S" grande. Muito antes de Dada, todos os movimentos revolucionários eram Dada. Surrealismo sempre existiu: na pintura, por exemplo.

P. — Quanto à sua participação especificamente como colaborador em *O Mundo Literário*. Porque o Sr. deixou de colaborar?

J.G.V. — Pelo seguinte motivo: eu era radiologista da Associação dos Empregados do Comércio, além de ter meu consultório de radiologia. De modo que não dispunha de tempo. A não ser à noite; assim, praticamente me dediquei mais ao romance. Foi aqui em São Paulo, de 41 em diante, que comecei a escrever artigos em jornais. *N'A Folha*, principalmente. Depois passei a fazer crítica de Artes Plásticas. No tempo de Schmidt, na Livraria Schmidt, antes de ele vender a livraria para um empregado, houve um jornal cujos diretores foram justamente o Manuel Bandeira e eu. Isso em 32 ou 33.

P. — O Sr. se recorda por que motivo a revista *O Mundo Literário* parou em 1926?

J.G.V. — Acho que foi por causa da morte do Leite Ribeiro. Parece-me, não tenho bem certeza. Ela era uma revista que saía regularmente, porque eles tinham dinheiro. Ela

era paga. Outra razão que deve ter contribuído para ter durado quatro anos: ela era um veículo de propaganda da livraria.

P. — Como participante, nos anos 20, de rodas literárias no Rio, o Sr. teria alguma coisa a acrescentar ao que já disse sob este aspecto?

J.G.V. — Roda literária no Rio, quando eu era estudante, tinha seu eixo na Livraria Garnier. De tarde aparecia a família do Clóvis Beviláqua, ele, Da. Amélia e as filhas; ela surda feito uma porta. Daqui a pouco, aparecia o Nestor Vitor. Daqui a pouco, aparecia e logo saía o Alberto de Oliveira, grandalhão, de fraque, acoladado por Jorge Jobim. Surgia então Alberto de Faria, o Pobre, pois que o seu homônimo era rico. E nós, garotos daquela época, assediávamos a Garnier. Na Livraria Schettino, havia um grupo que geralmente andava em volta do Agripino Grieco. Agripino fazia piada de todo mundo. Por exemplo, Oswald Orico, ele dizia: "Que Oswald Orico, nadal Oswald Úrico". Era um sujeito de expressão muito incisiva, suas palavras tinham gumes. Mas muito inteligente. Eu devo a ele quarenta páginas sobre o meu livro *Ronda do Deslumbramento*. Ele me botava nas nuvens. Mas depois que eu virei romancista, ele nunca escreveu sobre mim. Provavelmente porque eu vim para S. Paulo, e nos perdemos de vista. O próprio estilo de Agripino Grieco era de demolição. Ele foi, bem antes do Oswald, o nosso primeiro "dada", muito embora não estivesse à par desses movimentos no sentido de nomes, de pessoas que faziam vanguardismo na Europa. Mas todos nós, na década de 20, desconhecíamos Rilke, Hoffmannsthal, Saint-John Perse, Camilo Pessanha, Sá Carneiro, Fernando Pessoa etc. Quem no Brasil conhecia isso de fato eram: o Oswald e a Tarsila, porque moraram na Avenida Clichy, naquele tempo; o Mário; também o Ronald de Carvalho, o Sérgio Buarque e o Prudentinho. Depois disso, havia o grupo que era simbolista, mas simbolista de raiz, do Estado do Paraná, de onde vieram Cruz e Sousa, Emiliano Permetta, Silveira Neto e outros. O Murici e o Tasso da Silveira eram chefes do chamado simbolismo. Vivíamos num Rio de Janeiro que era uma província literária. Do movimento Dada, do movimento surrealista, ninguém conheceu nada aqui. Os movimentos em Portugal, iguais a esse, como o paulismo, o intercessionismo, de Santa Rita pintor, do Almada Negreiros, do Fernando Pessoa, ninguém soube desses movimentos aqui no Brasil daquele tempo. Aqui se falava em futurismo. E como o negócio era embrulhado e eles não entendiam, deram a isso o nome de "penumbrismo". São nomes que não se coadunam com o movimento. Os movimentos de 16 a 24 na Europa eram de terraplenagem: revolucionar tudo, acabar com a pintura antiga, com o soneto, com a rima, com a jóia, com o chapéu, com o fraque, com o sapato abotoado de lado. Movimento completamente destruidor, para depois daí reerguer outra coisa. E, de fato, na Europa surgiu o movimento da pintura, o movimento concretista. Antes disso, já tinha havido dois grandes movimentos modernistas no mundo. O cubismo com Braque, Picasso e Jean Gris; e o movimento Dada, de Zurique. Aqui, durante anos, passou completamente despercebido tudo isso.

P. — A não ser esse grupo — o senhor, o Sérgio Buarque, o Prudente de Moraes, neto — houve mais gente no Rio que estava a par desses movimentos de vanguarda europeus?

J.G.V. — Do Rio, que eu saiba, não tinha praticamente ninguém, a não ser uns poucos: o Ronald de Carvalho, por um fato todo especial: é que o Montalvor, da Editora que tem publicado todo o Fernando Pessoa e Sá Carneiro, pertencia à Diplomacia Portuguesa e estava no Rio de Janeiro. Como o Ronald era do Itamarati, dava-se com ele. De maneira que Ronald conhecia esses movimentos havidos em Portugal, em 1917, um ano depois de Dada. Aqui só veio a aparecer em 1922, movimento aliás mais de São Paulo, de Minas e do Nordeste, do que do Rio. Movimento amplo. Quanto ao movimento modernista no Rio de Janeiro, só conheci poucos, como já disse antes, que entendiam mesmo disto: o Prudentinho, o Sérgio Buarque, o Mário Pedrosa, o Murilo Mendes e o Ismael. O Sérgio foi um caso muito importante nesse negócio. Naquela época, ele já conversava comigo sobre coisas que eu, que tinha estado na Europa, não sabia.

P. — Tendo em vista a participação de Graça Aranha no movimento renovador, como o Sr. considera a atuação dele?

J.G.V. — A importância de Graça Aranha no movimento de 22 é a seguinte: ele tinha sido embaixador em Bruxelas. De maneira que conhecia os intelectuais graúdos das capitais européias. Naquele tempo, na Europa, se falava em Picasso, Pirandello e principalmente no movimento futurista, porque o Marinetti era um sujeito de barulho, predecessor do Dalí, a tal respeito. De modo que o nosso Graça Aranha somente aqui no Brasil se interessaria pelo movimento modernista. Ele veio da Europa em 22 justamente, e então emprestou o seu prestígio pessoal aos novos, sobretudo quando fez aquele discurso na Academia. Eu e o Tristão de Ataíde fomos os que deram aqueles apartes na Academia, apartes de que todo mundo ria. Foi o tipo do discurso-manifesto de segunda mão. Um discurso que diz “ou a Academia se renova ou morre” está utilizando apenas e ainda todos os processos retóricos aos quais o movimento modernista é contrário. Mas não se pode subestimar a sua atuação pelo menos como participante do *happening*.

P. — O Sr. participou diretamente da criação de alguma revista nesta época (década de 20)?

J.G.V. — No Rio, o Américo Facó chocava a mania de fundar revistas, mas não tinha dinheiro. Por volta de 23, ou talvez 24, ele me procurou no meu consultório, para nós fundarmos a revista *Pan*. Eu me lembro que financiei a revista e saíram dois ou três números. É interessante este nome de revista *Pan*. Em Viena, no tempo do grande poeta Hugo Hoffmansthal, que foi uma espécie de Rimbaud, pois começou a poesia muito cedo, também contemporâneo de Stefan Zweig, havia uma revista “Pan”. É interessante como às vezes o nome, em países diferentes, significa uma atração, uma continuação talvez sem querer de um postulado estético, de um postulado dialético, de um postulado político.

P. — O Sr. esteve vários anos na Europa, de onde somente regressou em fins de 1922. E desde 50 volta até lá quase todos os anos. O que pode dizer do seu contato pessoal com vanguardas européias?

J.G.V. — Quanto a alguns movimentos de vanguarda eu os assisti na Alemanha mais do que na França. Ao movimento Dada, eu não assisti em Zurique, onde ele se deu com Tzara e outros, e sim em Colônia. O movimento de Colônia foi um movimento mais de Artes Plásticas do que de literatura. Eles faziam exposições, mandavam a assistência quebrar tudo. Coisas assim. Depois assisti a algumas das bagunças que houve na sala Pleyel em Paris, em 22, e que a polícia teve que dissolver.

P. — Considerando sua atuação como romancista, como o Sr. se situa neste clima geral de renovação que dominava os anos 20?

J.G.V. — Eu não tomei parte nem na Europa, nem aqui do movimento propriamente modernista, porque no fundo eu sou um barroco. Sou um sujeito que, devido a minha solidão congênita, me impregnava muito de antologias. De maneira que eu me considero, assim, uma espécie de cronista-mor. Sou incapaz de fazer um romance local ou um romance dentro de um determinado momento. Geralmente meu romance abrange várias gerações: pai, filho etc., e se enquadra em momentos seríssimos e excepcionais do mundo: Primeira Grande Guerra, Segunda Grande Guerra, Revolução Russa de 17 etc. De maneira que o tablado dos meus romances sendo geralmente a cidade do Rio de Janeiro, também é o seu trampolim de arremesso. Mas como disse o Jorge Amado, eu levo meus personagens brasileiros para o mundo ecumênico. Não é esnobismo o fato de eu ter várias cenas de romances meus que se passam na Itália, ou em Paris etc. É mera impregnação, recordação da minha mocidade. Eu passei inclusive a minha juventude, quando ginasiato, no Condorcet em Paris, de 12 a 14. Formei-me aqui em Medicina no fim de 19 e fui para a Europa, onde passei o fim de 19, 20, 21 e 22. De maneira que eu sou um romancista diferente nesse sentido de que o episódio, o meta-episódio, o texto, o contexto, o metatexto de meus romances é muito deslocado e centrífugo. Tem vale do Paraíba, com Queluz, Areias, Lorena, fazenda, e tem bairros de cidades européias e bairros do Rio de Janeiro mesmo. Quando voltei ao Brasil, o fato de eu publicar um livro de contos com o nome de *Ronda do Deslumbramento* e esse livro ter saído em 1922, não há nenhuma incoerência. Porque eram contos meus do tempo de estudante, dos quais precisava me livrar publicando-os para então começar minha carreira propriamente dita de

romancista. Eu escrevi *A Mulher que Fugiu de Sodoma* em 1924; de um sábado de Carnaval à quarta-feira de cinzas, na Tijuca. Mas fiquei com este livro guardado sete anos na gaveta, até que Hamilton Nogueira e Augusto Frederico Schmidt o arrebataram numa gaveta. O poeta-editor o publicou. Hoje, graças a Deus, não me faltam editores, porém me repugna promover-me. Só fui *best seller* com *A Mulher que fugiu de Sodoma*, *A Quadragésima Porta* e *A Ladeira da Memória*.

P. — Quanto às Artes Plásticas, que linha o Sr. adotou para a sua crítica?

J.G.V. — Em Artes Plásticas eu sempre optei pelo modernismo; sou crítico de Artes Plásticas há muitos anos. Participei de onze bienais, como membro de júri eleito pelos artistas; e fui também presidente internacional da Bienal duas vezes.

P. — Sua função de crítico de Artes Plásticas não teria, até certo ponto, prejudicado sua vida de romancista?

J.G.V. — Há o seguinte fato que parece uma contradição: eu fui prejudicado pelas Artes Plásticas quanto à minha vida literária. O fato de ter diariamente que atender em minha casa a artistas, que vinham pedir apresentação para os catálogos de suas respectivas exposições, o fato de eu ter que escrever crítica e, portanto, precisar percorrer as galerias de São Paulo, não me deixavam tempo para a literatura. O tempo que eu gastei escrevendo na revista *Habitat* ou no jornal *A Folha*, podia ter empregado em literatura. Mas, em contrapartida, possuo uma grande coleção de artes visuais. De maneira que entre os meus romances há intervalos grandes. Embora alguns tenham sido escritos em dias, outros o foram em anos. Por exemplo, *A Ladeira da Memória* eu escrevi em quinze dias. *A Túnica e os dados*, eu escrevi em quatorze dias. Mas em compensação, *A Quadragésima Porta* eu levei uns dez anos escrevendo, emendando, cortando. *O Terreno Baldio*, idem. Agora por exemplo, para a 4ª edição d'*A Mulher que Fugiu de Sodoma*, que a Melhoramentos me pediu, eu levei uns seis meses emendando a 3ª edição. Primeiro a necessidade de cortar aquilo que virou folha seca. Segundo respeitar o critério de leitor, e não de autor. Precisa ver a adjetivação. Urge considerar que, depois de uma grande guerra, a sensibilidade da gente se modificou formidavelmente. O sujeito que levou a ler telegramas de jornais, ou que esteve presente aos grandes fatos do mundo (invasão da Checoslováquia, Polônia, França etc.), sofreu grandes alterações na sua sensibilidade, sofrendo com o espírito e com os sentidos. De maneira que o leitor de hoje só pode se comover com um livro que tenha uma vibração diferente da antiga, da anterior. Assim, eu me vi como leitor de mim mesmo, agora. E como a 4ª edição é uma edição a sair já, praticamente não modifiquei nada no texto, apenas coaptei melhor a expressão ao conteúdo.

Entrevista com Sérgio Buarque de Holanda

Pergunta — Como surgiu a revista *O Mundo Literário*? A quem se deve a idéia de sua criação? Segundo uma informação de Raimundo de Menezes, no seu dicionário de autores brasileiros, teria sido uma iniciativa da Livraria Leite Ribeiro.

Sérgio Buarque de Holanda — Tenho a impressão de que surgiu como iniciativa da Livraria Leite Ribeiro que teria entregue a Pereira da Silva e a Théó-Filho a direção. Mas deram a revista a duas pessoas inteiramente antagônicas. Não sei como combinavam o poeta e o romancista. Puseram um poeta que não tinha muito sucesso, mas com alguns admiradores devotados. Pereira da Silva era um poeta simbolista muito sério. Um sujeito meio místico, muito triste no aspecto, mas boa pessoa. Já o Théó-Filho fazia uns romances que obtinham seu sucesso popular na época. Não era um romancista de classe, mas fazia seu sucesso pela década de 20. Fazia romances para vender e vendia muito. Não sei se algum dia cheguei a ler alguma coisa dele, mas havia quem o admirasse. Depois ninguém mais ouviu falar no seu nome. Quando o conheci, acabava de chegar da Europa e creio até que escreveu uma narrativa dessa viagem. Era extremamente prolífico e as pessoas graves acusavam-no de explorar temas escabrosos. Talvez sem razão. Dois romancistas populares que não tinham muita cotação no meio intelectual, mas vendiam muito, eram justamente o Théó-Filho e Benjamin Costalat.

Théo-Filho dizia que queria ser o Balzac brasileiro, sinal de que devia ter lido ao menos seu Balzac. O autor não queria ter modelos e preferia ser o primeiro de uma linhagem. Como Napoleão!

P. — Como o Sr. considera a posição de *O Mundo Literário* em relação ao movimento renovador que dominava os anos 20?

S.B.H. — Foi numa posição representativa do tempo, de várias correntes e sub-correntes. De preferência, pendia para os valores acadêmicos e tradicionais. Não havia muita escolha e por isso contava com muitos colaboradores. Havia de tudo. Mesmo os modernistas, quando quisessem colaborar, eles os aceitavam. Não marcou uma corrente, assim. Não havia sentido de grupo. Naturalmente, o pessoal da revista tinha interesse em agremiar toda uma gente. A Livraria mais ainda.

P. — O Sr. acha que esta revista encontrou boa aceitação nas rodas literárias da época? Teve repercussão? A imprensa acolheu-a bem?

S.B.H. — Eu não me lembro. Não havia muitas revistas naquele tempo. Havia aqui em São Paulo a *Revista do Brasil*, que não se modernizou, pelo menos até que Paulo Prado passou a ser um dos seus responsáveis. E *O Mundo Literário* estava aberto para quem quisesse publicar. Era até mais bojudado do que a *Revista do Brasil* ficando espaço para todos. O pessoal do Rio, por exemplo, com poucas exceções, não conhecia pessoalmente Monteiro Lobato. Pelo fato de não ter uma cor intelectual definida, *O Mundo Literário* não deve ter marcado tanto.

P. — *O Mundo Literário* durou quatro anos. Este período significa um tempo bastante longo, e maior que a duração de outros periódicos da época. Como o Sr. explica que esta revista tenha durado tanto tempo?

S.B.H. — As outras revistas como *Klaxon*, eram dirigidas por pessoas que nelas perdiam dinheiro. Por exemplo, *Estética* que fiz com Prudente de Moraes, neto. Em resumo, dependiam dos fundadores. Já *O Mundo Literário*, mesmo que desse despesas ou prejuízo, tinha a livraria que custeava. Não era coisa que afetasse a livraria, porque era a maior do Rio. A Garnier era antiga, tradicional. Mas em dimensões e em acervo a Leite Ribeiro era maior. De maneira que eles tinham capital para sustentar uma revista, mesmo com prejuízo. A Livraria tinha interesse em mantê-la, porque lhe dava certa força. Queriam formar um ponto de reunião, um núcleo como a Garnier era e tinha sido tradicionalmente. A Livraria Leite Ribeiro era grande, enorme, tinha dois andares, ambos atropetados de livros. Assim, era livraria de grande movimento e girava com largo capital. O prejuízo que podiam ter com a revista, seria pequeno, em confronto com os lucros. A revista foi um veículo de propaganda da Livraria. Como já disse, a Livraria tinha esse objetivo: formar um núcleo lá dentro. Para a Livraria era interessante, porque lá iam se encontrar os escritores. Dois jornais — *O Globo* e *O Correio da Manhã* — ficavam a pequena distância. Assim, jornalistas também iam muito à livraria.

P. — Na sua opinião, em que medida este periódico contribuiu para o desenvolvimento da literatura brasileira do período? Qual o seu valor e a sua atuação dentro do quadro evolutivo da literatura brasileira?

S.B.H. — Havia poucas revistas na época. O pessoal de *O Mundo Literário* tinha grande interesse em artigos. De maneira que quem os tinha, levava-os para lá. Eles não faziam muita escolha. Tinham as portas abertas para todo mundo. Só quando o trabalho lhes parecia muito ruim, é que não colocavam. Coisa medíocre, como eram muitas das minhas próprias colaborações, ficavam para encher a revista. A revista serve para espelhar o gosto médio dos leitores da época, mas de novo não trouxe nada. Lembro-me bem do Leite Ribeiro, dono da Livraria. Diziam que havia sido prefeito do Rio. Mas nunca investiguei o assunto. Só sei que um belo dia ele se cansou daquilo lá e vendeu a livraria para uma firma nova. Passou a chamar-se Livraria Freitas Bastos. Mudou de lugar e de nome, mas ainda existe como Freitas Bastos.

P. — A Livraria Leite Ribeiro, bem como a Freitas Bastos, mais tarde, teriam funcionado de 1922 a 1926 como um local de encontro? Segundo um comentário de Haroldo Daltro no corpo de *O Mundo Literário*, os escritores se reuniam na livraria, que ficou como um ponto de encontro.